

ENSINO E PRÁTICA DE FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE, SEGUNDO ERNST TUGENDHAT

Ernst Tugendhat

Univesität Tübingen

José Crisóstomo de Souza

Universidade Federal da Bahia

e-mail: jose.crisostomo@uol.com.br

Resumo: O texto compõe-se de duas partes: 1) uma introdução sobre Ernst Tugendhat, seu percurso e seu trabalho, bem como seu envolvimento com o ensino da filosofia entre nós; e 2) um depoimento do filósofo alemão sobre o ensino de filosofia na universidade, apresentando suas opiniões e sua vasta experiência a respeito. Para ele, como para o introdutor, em vez de resumir-se essencialmente ao aprendizado da história da filosofia e à leitura dos grandes filósofos, o ensino dessa disciplina – algo como uma “arte” – deveria incluir, desde o começo, o exercício da argumentação sobre temas e problemas e a redação de textos curtos nessa linha.

Palavras-chave: Tugendhat, ensino, filosofia, arte, exercício.

O Prof. Ernst Tugendhat é um dos mais importantes filósofos alemães do nosso tempo. Em anos recentes andou ensinando em universidades brasileiras, onde pude conhecê-lo pessoalmente. Ernesto, como gosta de ser chamado entre os amigos que por aqui fez, ensinou também em outros países da América do Sul, começando pelo Chile, onde se estabeleceu em 1992. Seus laços com o nosso continente vêm, entretanto, de antes, uma vez que ele passou parte de sua adolescência na Venezuela, de onde guarda forte e afetuosa lembrança. Certamente por isso, fala bem espanhol, e agora, cada vez melhor, português. De família judia, nasceu no leste europeu, em 1930, emigrou primeiro para a Suíça e, então, em 1941, para Caracas.¹ Interessou-se pela filosofia ainda na adolescência (com a leitura de *Ser e tempo*, de Heidegger) e, em 1946, foi para a Universidade de Stanford, no EUA, estudar filologia clássica, como

o mais jovem aluno daquela instituição. “A escola secundária americana é de qualidade muito baixa”, ele explica, e completa: “Mas, depois, nas universidades, os EUA têm um sistema magnífico de formação”.

Tugendhat esteve em seguida na Alemanha, onde foi aluno de Heidegger, freqüentou o círculo neoaristotélico de Joachin Ritter e concluiu, em 1956, seu doutorado sobre as “categorias aristotélicas”. Em 1960, obteve o lugar de professor assistente em Tübingen, onde, em 1966, apresentou “tese de habilitação” sobre “O conceito de verdade em Husserl e Heidegger”, publicada em 1967. “O trabalho foi duro, e perdi anos da minha vida com ele – recorda –; depois tentei mostrar que Husserl fica realmente ultrapassado pela filosofia analítica”. De todo modo, sua discussão sobre a verdade – em contraposição a Heidegger e Gadamer – teve grande influência sobre a filosofia alemã no período, em particular sobre Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas. Entre 1966 e 1975, ele ensinou na Universidade de Heidelberg (onde foi orientador do meu ex-orientador de doutorado, o Prof. Marcos Muller, da Unicamp), e, em 1976, publicou seu valioso *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem*, que dedicou a Martin Heidegger.

Por essa época, a ponto de se consagrar ao estudo da filosofia social e das ciências políticas, começou a trabalhar no Instituto Max Plank, a convite de Habermas, de quem se tornou amigo e colaborador. Mais adiante, deu forma final à sua *Introdução* e redigiu *Consciência de si e autodeterminação*. Foi então avançando na sua passagem à “filosofia prática”, tendo-se ocupado bastante da ética já desde 1978. Tugendhat perseguiu com afinco esse assunto, em laboriosas – e às vezes desgastantes – tentativas, que custaram a parecer-lhe satisfatórias. A partir de 1980, passou a ensinar na Universidade Livre de Berlim, da qual se tornou professor emérito, depois de se aposentar em 1991. Em seguida, foi instalar-se no Chile, ao tempo em que enviava à editora sua *Ética e política*, e seus *Ensaio filosóficos*. Foram, assim, quase quarenta anos de ensino em universidades alemãs, das quais guarda,

entretanto, uma reserva crítica: “Tenho uma opinião ruim delas, e creio que as razões de sua situação estão mais na burocracia do que numa ideologia”. Atualmente, Ernesto reside em Tübingen e ainda vem ao Brasil.

Como um filósofo “público”, ele se engajou no movimento pacifista e na oposição às tentativas de limitar o direito de asilo na Alemanha, entre 1983 e 1986. Em 1987, publicou *Reflexões sobre o perigo da guerra atômica e por que a gente não o vê*. Assinou, com Hobsbawm e García Marquez, uma carta a favor da legalização das drogas – como possível solução para o conflito na Colômbia e para o problema da enorme quantidade de presos nos EUA. Manifestou-se também a favor da eutanásia voluntária e totalmente contra a pena de morte. Crítico – progressista – de tantas coisas erradas, e enfático defensor dos direitos humanos, creio que posso dizer que Ernesto tem uma visão de mundo essencialmente liberal, e não deixa de ser otimista com relação à situação social até dos países subdesenvolvidos – ao menos em relação à sua situação passada. Além disso, como vemos, é um filósofo analítico de estilo particularmente amplo e aberto, com uma bagagem mais do que substancial de filosofia continental (não analítica). Nos seus trabalhos, trava diálogos – e confrontos – com, por exemplo, Aristóteles, Kant, Hegel, Husserl, Heidegger, Ritter, Eric Fromm, MacIntyre e outros. E não recusa temas como, em especial, justiça e direitos humanos.

Seus livros publicados no Brasil incluem *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem* (Ijuí: Ed. Unijuí, 1992), *Lições sobre ética* (Petrópolis: Vozes, 1996) e *Não somos de arame rígido* (Canoas: Ulbra, 2002), este constituído por conferências proferidas em vários estados do Brasil, em 2001, e organizado pelo Prof. Valério Rohden. Também publicado entre nós e digno de um registro especial é *O livro de Manuel e Camila: diálogos sobre a moral*, para adolescentes de 13 a 15 anos (mas certamente de bom proveito para adultos também).² Foi escrito em 1995, no Chile, com dois colaboradores, junto com os quais fizera a experiência de utilização, em sala de

aula, dos livros e do método de Matthew Lipman (o conhecido autor de trabalhos de e sobre filosofia para crianças). Como Tugendhat explica no prefácio brasileiro, os três quiseram produzir algo semelhante, mas que deixasse as questões menos em aberto e fosse menos marcado pelo ambiente norte-americano. “Pensamos que as questões centrais da moral [...] são as mesmas por toda parte. [Mas] para o Chile excluímos questões como o aborto e a atitude em relação aos animais, sobre as quais talvez não fosse possível um consenso”. Na edição alemã, publicada no ano 2000, “fizemos algumas correções e adições, e suprimimos o capítulo sobre sexualidade, porque nos pareceu demasiadamente ligado às especificidades da cultura chilena”.

Ernesto é assim um filósofo, já se disse, “do qual se vê na cara a vontade de entender e de explicar”. Na “advertência preliminar” do *Lições de ética*, ele fala franca e modestamente de suas dificuldades para compreender de modo satisfatório os problemas da ética, dos seus esforços iniciais que resultaram em repetidos fracassos. Teimosamente, “em cada nova tentativa, reiniciava lá onde a tentativa anterior havia esbarrado em um beco sem saída”. Ele pensa agora ter finalmente encontrado – depois de correções e complementações ao longo de conferências sob o tema, em diversos países – uma formulação correta do problema da fundamentação da moral, “embora”, mesmo assim, “ache que muita coisa precisa ainda ser melhorada”.

A concepção de Tugendhat acerca do que é filosofia pode ser vista, resumida e claramente exposta, no seu artigo “Reflexões sobre o método da filosofia do ponto de vista analítico”, de 1989, publicado no Brasil, em 1998.³ A filosofia é, para ele, o esclarecimento, reflexivo, de conceitos – daqueles indispensáveis à nossa compreensão do que quer que seja. Através do exame e da clarificação de tais conceitos, a filosofia guarda uma relação com o todo – com “o todo da nossa compreensão”. Ele se refere aos conceitos que “já sempre” possuímos e utilizamos, em certo sentido conceitos *a priori*, distinguindo-os dos “conceitos empíricos”, os das

ciências “sobre o mundo”. Na verdade, são os conceitos de uma “comunidade de fala”, que é a nossa, adquiridos por nós na nossa infância, aqueles do nosso “mundo vivido”. Sendo assim, a filosofia – sem se confundir com a lingüística – trata de uma explicação conceitual do uso das palavras, através de um método analítico, mas com um caráter hermenêutico latente.

Quanto a idéias para o ensino da filosofia, tive oportunidade de ouvir Tugendhat manifestar-se sobre o assunto no VIII Encontro Nacional de Filosofia da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), em Caxambu, Minas Gerais, em 1998, numa mesa-redonda conduzida por ele e pelo professor. Adriano Naves de Brito, “sobre diferentes concepções acerca do ensino da filosofia”, de cuja discussão participei. O propósito da iniciativa – de certo modo inédita entre nós, e a todos os títulos louvável – era o de favorecer “uma avaliação crítica dos modelos e experiências brasileiras, mediante seu cotejo com outras experiências e modelos”. Para introduzir o debate foram oferecidos quatro pontos, que se encontram registrados no *Livro de resumos* (p. 251) daquele encontro e que recapitulo aqui quase que literal e integralmente. Os pontos – ou “teses” – são os seguintes:

1) Ser instruído em filosofia consiste tanto em ser introduzido à história da filosofia quanto em conhecer o estado atual das discussões, mas, em primeiro lugar, consiste em ter desenvolvido uma sensibilidade para problemas e métodos. A filosofia não é um conhecimento acumulado, é uma arte que se aprende fazendo exercícios, e o que se deveria exercitar desde o começo é a capacidade de apresentar e avaliar argumentos.

2) Isso é válido tanto em disciplinas temáticas quanto em história da filosofia, e deveria ser aplicado desde o primeiro ano do curso, num entrelaçamento entre história da filosofia, filosofia contemporânea e disciplinas temáticas. O ensino de autores clássicos, por sua vez, deveria incluir a apresentação do debate contemporâneo sobre sua interpretação.

3) Os estudantes deveriam tomar parte ativa no processo de ensino–aprendizagem e escrever, desde o início, textos curtos – argumentativos e críticos. Deveriam ser levados a essa iniciativa, ao invés de serem enquadrados numa situação de total desnivelamento com relação aos professores.

4) O melhoramento das bibliotecas é essencial para o ensino da filosofia entre nós. Parte essencial disso é que elas tenham revistas atuais em que possam ser acompanhadas as discussões e elaborações contemporâneas.

Infelizmente, a iniciativa de Caxambu não teve repercussão, seguimento ou ampliação. Digo infelizmente, pois acho que são proposições dignas de consideração, com as quais guardo – ao menos em parte – alguma afinidade. Sobre isso, tenho procurado trocar idéias com o Prof. Tugendhat, não obstante o fato de meu foco filosófico ser um tanto diferente e visar outros assuntos, diferentes dos seus: em vez de filosofia analítica, hegelianismo, Marx, pragmatismo e filosofia política.⁴ Acho que a comunidade filosófica brasileira se beneficiaria muito se refletisse sobre elas e – passando a discutir o assunto – se empenhasse em renovar e diversificar suas práticas de formação, sempre numa linha pluralista, sem monopólios ou dogmas. É assim no resto do mundo, onde há preocupação em fazer filosofia.

Sendo assim, procurando favorecer a retomada da iniciativa da Anpof de 1998, convidei o Prof. Ernesto Tugendhat, quando ele esteve conosco, na Bahia, em 2001, para discorrer mais longa e livremente sobre o assunto, apresentando suas opiniões e sua experiência.⁵ Algumas de suas idéias lembram as de outro grande professor (este, brasileiro), Oswaldo Porchat Pereira, que também tem enfrentado essas questões corajosamente. É a transcrição da gravação do depoimento de Ernesto, que editamos e reproduzimos em seguida.⁶ Aí ele retoma, desenvolve e ilustra suas idéias, do jeito claro e franco, por vezes muito enfático e assertivo, mas sempre não dogmático e aberto à discussão, com que costuma dizer o que pensa.

FALA DO PROF. ERNST TUGENDHAT, NA UFBA, EM 2001, SOBRE ENSINO DE FILOSOFIA

Participei de uma tentativa de discutir o problema de como ensinar filosofia, no Encontro Nacional da Anpof, em Caxambu, em Minas Gerais, alguns anos atrás. Eu havia tido uma experiência relativamente má com o ensino da filosofia na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde estive trabalhando por algum tempo. Meu velho amigo Prof. Adriano Naves de Brito, da UFG, achou que poderíamos falar sobre o assunto naquele encontro da Anpof, e meu amigo Prof. José Crisóstomo, que esteve presente participando da discussão, pensou que seria bom falar agora outra vez sobre isso, aqui na Bahia. Ele tem razão, porque é verdadeiramente um tema muito importante e que merece mesmo ser retomado. Não creio, porém, que eu seja tão sábio nessas coisas, nem tenho idéias que me satisfaçam inteiramente. Estou aposentado há nove anos, e antes disso me ocupei muito da reforma universitária da Alemanha. Com pouco êxito, mas me ocupei. Bom, eu não devo falar demais; quero então começar com algumas coisas gerais, alguns princípios, e depois talvez dizer duas ou três coisas sobre a minha experiência.

Se quero perguntar como se deve fazer o ensino da filosofia, tenho de começar com um conceito: o que é a filosofia? Vou dizer simplesmente que penso que, em tudo o que se faz em filosofia, em todo o percurso histórico da filosofia, pode-se dizer que é muito importante, é central na minha opinião, a aclaração de conceitos. Penso que a filosofia consiste na aclaração de conceitos centrais de nosso entendimento. Isso significa que o que se deve aprender em filosofia não são informações, mas é antes uma ação. O aluno tem de aprender uma ação. Em que consiste essa ação? Numa boa aclaração e numa boa argumentação – são essas duas coisas, eu pensaria. Creio que existe uma frase de Kant que diz que o que se pode aprender não é filosofia, mas filosofar. E isso é dizer a mesma coisa: que se trata de uma ação. Significa que o que se aprende em

filosofia não é uma doutrina, mas uma arte – uma arte no sentido amplo, naturalmente. Creio que isso implica duas coisas. Primeiro, precisa-se – pode-se dizer – do mestre, não? O mestre é um pouco mais do que um professor, o mestre é uma pessoa que conhece a arte. Bom, isso já é o primeiro problema, porque... como fazer com que os mestres sejam bons? Isso é um círculo, naturalmente. A segunda coisa é o que tem de fazer esse mestre. Ele naturalmente deve, sim, transmitir também informações, mas em primeiro lugar deve ajudar os alunos nessa ação do filosofar. Então, como pode fazer isto?

Temos uma grande literatura em filosofia: tanto o que chamamos de tradição filosófica, os grandes autores, como também temos uma grande literatura contemporânea. Isso cria um problema naturalmente: onde devemos colocar ênfase, na literatura contemporânea ou nos grandes filósofos? Penso que deve estar em ambas coisas. O que conduz ao problema do currículo: o que é um bom currículo? Por exemplo, eu já disse que em Goiânia tive uma experiência má. Uma parte dessa má experiência consistiu em que, na graduação, nos primeiros dois anos, os estudantes só faziam filosofia antiga. Não faziam nada de filosofia moderna nem de filosofia contemporânea. Eu pensei: isso é uma coisa terrível; afinal, o que aprende esse aluno? Como podem os estudantes confrontar-se construtivamente com a filosofia antiga, se não conhecem os problemas que se põem hoje? Creio, então, que ter um bom currículo é um problema muito grande, mas entendo que o currículo deve ser logo uma mistura do ensinamento histórico com algo mais do que isso. A filosofia grega, creio que ela é muito importante, mas não deve ser o único começo. Devemos ter ensinamentos históricos e devemos ter já no começo o ensinamento da filosofia do nosso tempo. Agora, não devemos esquecer que todo esse tratamento da filosofia histórica e da filosofia contemporânea é só um instrumento para aprendermos, nós mesmos, a pensar. Os estudantes mesmos. E os professores, os mestres e os estudantes são

mais ou menos a mesma coisa, todos fazem mais ou menos a mesma coisa.

É o mesmo que em qualquer arte: um professor de violino também ele aprende a tocar e ajuda os outros a tocar, e isso é um certo círculo inevitável. Vocês tiveram, na América Latina, um tempo em que a filosofia consistia na doutrina escolástica. E depois, agora, há uma possibilidade de, em vez de escolástica, aprender o que se chama de “os grandes filósofos”, seu pensamento. Mas isso por si não é tão importante. Agora vem um ponto, talvez contido na palavra “arte”, que é que, quando nós nos ocupamos dos outros filósofos, não devemos estar interessados em aprender o seu sistema em si – isso não tem nenhum interesse. E por que não? Porque filosofar é uma arte. Mas em que consiste tal arte? Consiste na pergunta pela verdade, pela verdade em relação à aclaração de conceitos. Isso significa que também a maneira – a única maneira – de ocupar-se com os grandes filósofos é perguntar sempre: têm razão ou não? É verdade o que dizem ou não? E, em geral, digo eu, não é. Eu já tenho grandes dificuldades quando devo dar um curso e escolher um autor. Porque sei que a única coisa que vou poder fazer é explicar por que ele está errado nisso, errado naquilo... E é isso o que os estudantes têm de aprender.

Naturalmente nisso há perigos também. Um perigo é simplesmente pensar que o filósofo é “a” autoridade, mas quero me referir ao outro perigo, que é o de começar com a crítica (de determinado filósofo) cedo demais. Quer dizer, criticar um filósofo sem entendê-lo. E nisso – nesses perigos – reflete-se uma parte do que chamei de arte: não se podem dar regras gerais para o trabalho da filosofia. Por isso é que, sem o mestre, creio que é muito difícil aprender o que quer que seja em filosofia. Naturalmente, de qualquer ciência também se poderia dizer que é uma arte. Mas, quantitativamente, a quantidade de informação que há, por exemplo, na biologia, é muito grande. O biólogo que vai aprender a ser biólogo também tem de aprender uma arte: como fazer biologia. Mas a quantidade de informação aí é muito grande,

enquanto que em filosofia ela é muito pequena, quase inexistente. Vocês talvez já viram que tem gente que crê que pode filosofar assim, com uma quantidade de informações da história da filosofia, sobre aquilo que disseram os filósofos. Em geral, isso não é muito recomendável. O que se tem feito em filosofia nesses dois mil ou mais anos tem um certo sentido, ainda que a maior parte esteja errada. E, se não nos confrontamos com esses erros, não vamos chegar a nada.

Na América Latina, naturalmente, existe um problema “externo”: não existem bibliotecas boas. Isso sim é uma razão pela qual na América Latina há hoje uma tendência muito forte de concentrar-se nos grandes textos da história da filosofia. É que o outro lado não existe; temos os grandes textos, mas não temos as revistas, especialmente as revistas importantes de língua inglesa. Então fica muito difícil preparar uma aula, por exemplo, sobre o problema da liberdade da vontade, ou simplesmente sobre a discussão de ética de hoje. Como se vai fazer isso, se não dispomos – o que se tem muito na literatura de língua inglesa – de boas coleções de importantes ensaios e de revistas importantes?

Suponho que hoje sou uma pessoa completamente antiquada e não conheço bem a internet. Ainda assim, segundo o que sei, pode-se agora, com um bom professor (e agora vou dizer simplesmente professor e não mestre), com um bom professor que quer fazer um seminário, por exemplo, pode-se fazer um bom seminário sobre o tema “a liberdade da vontade”. O professor não precisa necessariamente estudar o que Kant, por exemplo, disse, ou Agostinho. Não. Há uma literatura grande hoje; ele pode, com a internet, suponho, conseguir bons textos, imprimi-los, e então os estudantes vão ter os ensaios importantes. É ruim pensar que isso é muito difícil de fazer, e que por isso vamos estudar somente o que Kant disse sobre a liberdade. Isso não adianta. Então, esse problema com as bibliotecas é real, mas já não digo o que disse há dez anos, quando falei sobre o mesmo problema na Colômbia: por favor, façam pressão sobre os políticos, para que em cada país haja pelo

menos uma boa biblioteca. Essa causa no momento está perdida, não se pode fazer, mas creio que com a internet se pode fazer muito.

Bom, qual é a minha experiência? Comecei na graduação, nos Estados Unidos, e depois fui para a Alemanha, para a pós-graduação, onde fiquei por quarenta anos como professor. Quando eu tinha trinta e cinco anos, tive a sorte de ser convidado por uma boa universidade norte-americana, a Universidade de Michigan. Fiquei muito bem impressionado, tanto com a filosofia analítica que se estava fazendo ali, como também com o sistema de ensino utilizado. Desde então, devo dizer, sou fã do sistema norte-americano de ensino de filosofia. Impressionei-me também favoravelmente com o ensino de filosofia em Oxford e em Cambridge, na Inglaterra. Acho o sistema alemão ainda essencialmente ruim, e isso resulta num prejuízo que se tem em toda a América Latina, onde se pensa que todo filósofo deve ir mesmo é para Alemanha e só para a Alemanha. E isso por pura falta de informação, em parte decorrente do fato de que muitos professores de filosofia, na América Latina, terem sido educados na Alemanha ou na França, e por isso pensam que se deve ir para a Alemanha ou França. Não entendem que se deve ir para os Estados Unidos. E por que digo isso?

Digo que sou um fã do ensino norte-americano da filosofia, mas não sou um fã extremado. Também os Estados Unidos não são a última solução dos problemas. O sistema alemão é livre demais. Não sei suficientemente como é aqui em Salvador, na UFBA, mas, por exemplo, em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás, o sistema se mostrou muito pouco livre. Nos Estados Unidos, há uma certa liberdade. E por que se deve ter uma certa liberdade? Parece-me evidente: porque se pode dizer que certas coisas são importantes, mas tem muito pouco que se pode dizer que é necessário para a filosofia. Nesse ponto, a filosofia é muito diferente das ciências; nela, de nada se pode dizer decididamente que é necessário. E isso significa que o estudante deve ter liberdade de escolher. Mas não como na Alemanha, onde ele tem somente liberdade de escolher e onde os professores – agora está um pouco melhor, mas antes era

assim – faziam o que queriam, e os estudantes ficavam muito desorientados. Deve-se ter uma certa orientação, e se devem fazer também exames, não somente ao final. Sobre isso, tenho uma experiência extensa com nossos estudantes alemães, que, vindos das escolas, estão contra qualquer regulação. Isso é simplesmente uma loucura. Eles não entendem que se deve ter alguma regulação, que isso é uma ajuda para o estudante.

Agora vejo que não falei de uma outra coisa importantíssima: a necessidade de que o estudante comece a escrever muito cedo. Imediatamente, eu deveria dizer. No primeiro ano da graduação, o estudante deve escrever, e o professor deve não somente dar uma nota, mas explicar ao estudante – se o professor é um mestre, e deve ser um mestre – o que ele deve corrigir e melhorar. Porque tudo o que se faz em geral é ler, tanto os grandes filósofos do passado como os filósofos contemporâneos, somente porque eles são exemplos de pensar. Ora, para poder ter esse exemplo, deve-se fazer a mesma coisa que eles, e para isso não é suficiente estar numa aula e fazer as perguntas; é preciso escrever. Isso me leva ao problema de Oxford, onde há um sistema muito extremo, talvez exagerado, mas muito interessante. Lá praticamente não se tem aula; em Cambridge, tampouco. O estudante vai sozinho ao professor, uma hora por semana, e este lhe dá a literatura sobre um determinado tema. O estudante tem então de escrever um ensaio numa semana. E assim segue todo o estudo; o que é muito duro, muito pesado.

Eu fiquei tão impressionado quando estive lá, em Oxford, que introduzi, em Heidelberg, na Alemanha, onde era professor nessa época, o que chamamos de “tutores oxfordianos”. Mas oferecemos isso como opção. Ninguém, em Heidelberg, teve de fazê-lo por obrigação, mas nós oferecemos essa opção. Por exemplo, fiz o seguinte: formei grupos de cinco ou seis estudantes, e estivemos juntos discutindo uma ou duas horas um ensaio de um filósofo, ou também poderia ser um texto de um grande filósofo, isso não importa. Para a semana seguinte, cada um desses cinco ou seis estudantes deveria escrever um ensaio, e eu me encontrava com

cada um por uma hora para discutir o ensaio. Isso é uma coisa muito difícil, tanto para o professor como para o estudante, e talvez seja um sistema extremo, mas mostra a grande importância de produzir desde o começo. E a produção consiste não em fazer perguntas, mas primeiro em escrever. Naturalmente, não se trata de escrever de qualquer maneira, por isso precisamos do mestre, e isso é uma consequência do fato de que a filosofia é uma arte. Assim, talvez, escrevendo cedo, desde o primeiro ano, o estudante depois não vá ter essas grandes dificuldades quando tem de escrever uma tese, porque já conhece um pouco como deve fazer a coisa.

Agora, talvez seja um problema, em muitas universidades e departamentos, perguntar-se em que grau reiterar os grandes filósofos e em que grau reiterar problemas e tratar deles com base nos ensaios contemporâneos. Creio que, na América Latina, o déficit está nos ensaios contemporâneos, e se deveria fazer um esforço para considerar mais isso. Mas eu disse no começo que considero que a filosofia é a aclaração de conceitos centrais do nosso entendimento. Aqui corremos um certo perigo de simplesmente esclarecer quaisquer conceitos que não sejam centrais. Por isso também falo da compartimentalização da filosofia anglo-saxônica como de um certo perigo; por isso creio que é importante também confrontar-se com alguns grandes filósofos do passado, mas evitando-se a idéia que têm alguns, especialmente alguns principiantes no estudo da filosofia... Me lembro que eu mesmo pensei isso quando comecei a estudar, pensei que se tem de aprender “a história da filosofia”. Até que, depois de algum tempo, entendi que os “buracos” que se tem no conhecimento do conjunto de todos os filósofos são inevitavelmente tão grandes... Devemos estar dispostos a admitir que temos grandes “buracos”, e isso não é o importante. Importante é poder pensar sobre certas coisas, e também entender que desconhecemos outras coisas. De qualquer maneira, a idéia, que talvez exista ainda no Brasil e que certamente tivemos na Alemanha no tempo em que estudei, é de compreender o desenvolvimento da filosofia ocidental. Isso, porém, não é tão interessante, porque a

filosofia ocidental não constitui um todo, não é uma coisa, não é algo. Pode-se muito bem fazer filosofia, creio eu, posso fazer filosofia, ainda que não conheça muitos dos filósofos importantes.

[A partir daqui o Prof. Tugendhat se manifesta a respeito das questões que lhe foram repassadas pela audiência]

Eu disse, no começo, que o mestre não é essencialmente um transmissor de informação; se se tratasse somente de transmissão de informação, não precisaríamos do mestre. Disse que uma ciência também é uma arte, mas acrescentei que quantitativamente uma ciência contém muito mais do que isso. É evidente, para qualquer pessoa que tenha estudado alguma ciência, que, numa ciência, tem-se de aprender muito, aprender simplesmente. Em filosofia não se tem; tem-se pouco o que simplesmente aprender. Mesmo assim tem gente que pensa que aprendeu filosofia porque sabe muito, sabe o que Kant disse, o que Hegel disse etc., mas não sabe pensar. Isso não vale nada.

Quase tudo o que se pode dizer sobre como ensinar filosofia tem a possibilidade de construir um abuso, um exagero. Por exemplo, penso que essa situação exagerada de Oxford, onde o estudante é confrontado sozinho, uma hora, com o seu professor, o que resulta no fato de tanta gente, em Oxford, ficar gaguejando [*risos*]. Pode ser bom confrontar-se com um professor; mas, em primeiro lugar, não precisa ser sempre o mesmo professor. E não pode ser uma imposição; por exemplo, o chefe do departamento ou outra instância simplesmente dizer que o tutor tem de ser esse ou aquele. Isso poderia ser bom, mas tem sua limitação, também tem os seus perigos. O autoritarismo é sempre o perigo maior na filosofia, podendo consistir na transmissão de uma doutrina, ou também no autoritarismo de uma personalidade.

É preciso saber que o sistema alemão está se desenvolvendo muito agora. Por exemplo, a filosofia analítica está penetrando muito na Alemanha, e há lugares onde creio que se pode estudar tão bem quanto em certos lugares nos Estados Unidos. Eu diria, em primeiro lugar, que, em geral, o professor alemão ainda é mais autoritário do que o professor norte-americano. Em segundo lugar: ainda há uma ênfase forte demais, na Alemanha, na história da filosofia. Terceiro: talvez (isso é uma coisa que não sei muito bem de que depende) a arte da boa discussão esteja mais desenvolvida nos países anglo-saxônicos – tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos e em países como a Austrália – do que na Alemanha. Por exemplo, pessoalmente tenho a experiência de que, quando tenho de fazer uma conferência numa boa universidade norte-americana ou inglesa, as pessoas me fazem perguntas realmente difíceis. Na Alemanha, isso acontece muito pouco; os alemães ainda têm uma certa tendência de, quando querem falar na discussão de uma conferência, fazer como que sua própria conferência, e isso não é muito produtivo. Os ingleses, por sua vez, fazem perguntas muito precisas e relevantes para o desenvolvimento da conferência. Bom, os estudantes norte-americanos estão – por ações que já começam no colégio, creio – menos submetidos. Estão mais dispostos a discutir, eles aprendem isso, o que naturalmente é também uma arte: poder discutir bem, fazer perguntas relevantes. Me ocorreu muito no Brasil, nessa viagem, que as pessoas simplesmente fazem uma pergunta que na verdade tem apenas uma associação com alguma coisa que eu disse, e só isso. Ora, isso não é uma pergunta e não pode levar a uma verdadeira dialética ou argumentação.

Eu talvez tenha exagerado no que disse aqui sobre a Alemanha, em comparação com os países de língua inglesa. Mas exagerei meio conscientemente, porque tenho essa experiência, tanto no Brasil como em outros países latino-americanos: as pessoas crêem que a Alemanha é o país da filosofia, e isso é verdadeiramente um

erro. As pessoas têm certos preconceitos... A verdade é que, mesmo no que diz respeito aos estudos sobre filósofos clássicos, sobre certos filósofos alemães, como Kant, por exemplo, há um maior número de comentaristas anglo-saxões bons do que de comentaristas alemães. Quando estive na Universidade de Michigan, há 35 anos, fiquei impressionado com o fato de que não é como se pensa, de que a filosofia seja ali sempre uma disciplina muito unilateral. O fato é que ali se estava fazendo também história da filosofia. Claro que pode, mesmo assim, haver uma certa unilateralidade, ruim, presente no sistema norte-americano e mais ainda no inglês.

O inglês é muito unilateral em razão de pensarem saber muito exatamente em que consiste a filosofia – e isso é terrível. Por exemplo, você não ouve praticamente nada da filosofia não-inglesa na Inglaterra. Ninguém conhece, por exemplo, Hegel, coisas assim. Nos Estados Unidos, isso é melhor, mas eu diria que tanto na Inglaterra como lá há vantagens e desvantagens que têm a ver com o fato de pensar que se sabe em que consistem as perguntas importantes. Na Alemanha, o problema é quase o contrário; quando estudei nos anos 50 na Alemanha, tudo o que se fazia era história de filosofia. E isso era como que um espelho de não saber, de não ter problemas, de não ter idéia sobre o que é interessante, importante. Nesse caso, pergunta-se muito menos sobre a verdade, e creio que isso é um problema. Tomemos um exemplo como Kant. Vamos encontrar na Alemanha uma coisa similar ao que creio que se encontra no Brasil: pensa-se ser importante entender como cada coisa é conectada em Kant. Nos países anglo-saxões, se se estuda Kant, também se está interessado nisso, deve-se estar, mas se pergunta muito mais sobre se é correto o que diz Kant aqui ou não.

Em geral, os filósofos anglo-saxões não têm muita relação com os problemas políticos contemporâneos. Isso é também um ponto em que creio que o desenvolvimento da filosofia nos países

anglo-saxões – e agora na Alemanha (porque os alemães estão fazendo-se anglo-saxões [*riscos*]) – enfrenta um certo perigo. Esse perigo consiste numa certa profissionalização extrema, em que os estudantes aprendem a discutir muito bem problemas muito pequenos [*riscos*], e perdem um pouco o horizonte geral. Observei isso tanto em Tübingen, onde estou agora, como num colóquio nos Estados Unidos, há um ano: as pessoas têm hoje, em filosofia, a tendência de ser muito rigorosas, mas muito estreitas. E também têm a tendência de cultivar certas novidades: por exemplo, um problema que é muito trabalhado hoje é o da conexão da mente com o corpo. Ah, vocês podem ficar assombrados, mas é assim. É, é verdade [*riscos*]. Vocês ficam assombrados porque crêem que não se pode dizer muito sobre isso, mas é assim. Isso tem a ver naturalmente com o problema de que, em todos esses países do Primeiro Mundo, a carreira filosófica está difícil. Por exemplo, quando se abre uma vaga numa universidade alemã, são seis pessoas que se apresentam; a competição é muito grande. E isso leva os jovens filósofos a ficarem na moda. É... [*riscos*], eles têm primeiro de ser muito disciplinados, senão não obtêm nada. E, segundo, têm de ser muito disciplinados em especialidades que no momento estão na moda.

Agora vocês me perguntam – o que atinge o velho problema da filosofia – se um filósofo deve ser um sábio. Em última instância, creio que seja assim, mas só em última instância. Tive a experiência (na Alemanha) de que muitos dos estudantes que vão à universidade para estudar filosofia, em vez de fazer ciência, economia etc., estão preocupados com o sentido da vida. E então ficam muito decepcionados porque lá ninguém fala no sentido da vida. Eu de fato creio que a filosofia tem de ser uma aclaração de conceitos, mas de conceitos centrais. Nem todos esses conceitos centrais de nosso entendimento, porém, têm a ver com perguntas acerca do sentido da vida. Quero dizer que é bom ter essa pergunta em mente, mas a parte profissional, disciplinar, da filosofia, me parece também uma condição necessária. É tão necessária que eu diria que há bons

professores – eu até diria bons mestres – de filosofia que não pensam no sentido da vida.

Quanto ao fato de primeiro formar-se e profissionalizar-se como artista ou cientista, para depois se tornar filósofo, de fato, séculos atrás, houve muitos cientistas importantes que foram filósofos. Hoje não creio que possa mais ser assim, porque as disciplinas foram se separando muito. Isso terminou no século XVII. Vocês podem mencionar um grande cientista, no século XX, que tenha sido também um grande filósofo? Bem, Sartre foi também um grande escritor. Mas um pintor, um arquiteto, um músico serem filósofos, isso não parece possível. A explicação naturalmente está no fato do tipo de arte em que consiste a filosofia; é uma atividade muito diferente. O artista não tem de perguntar por razões, não tem de aclarar conceitos. Já a coisa com a ciência é bastante outra, porque ali eu creio que o problema é que temos essa diferenciação muito forte hoje da qual não podemos nos livrar. Nós não podemos querer ser como os gregos, do tempo de Aristóteles, nem como os modernos no tempo de Galileu ou Newton.

Minha palestra de ontem teve como tema o que se pode chamar de antropologia filosófica: a reflexão sobre nós mesmos. Creio que isso é central para a filosofia. Eu já disse antes que creio que essa compartimentalização que se está fazendo na filosofia anglo-saxônica me parece errada. Por exemplo, há uma disciplina hoje que se chama “teoria da ação”. Mas teoria da ação de quem? Quem está agindo? O homem. E como podemos entender as ações do homem sem entender a relação do homem consigo mesmo? Então, creio que isso é central para a filosofia. Por que temos tais problemas, como, por exemplo, a moral, a comunicação, a relação do homem com a sociedade, os problemas entre indivíduo e sociedade? Por que temos todos esses problemas? Eu disse que a filosofia trata de

aclarar conceitos, mas somente aclarar conceitos que sejam centrais para o nosso entendimento. Talvez mesmo isso ainda seja um pouco insuficiente. O centro tem de ser o que é central para nosso entendimento de nós mesmo, e não somente como indivíduos, mas também como seres sociais. Eu quero dizer com isso que, sim, creio que uma certa compartimentalização na filosofia é boa, mas, num currículo de filosofia, cabe sempre perguntar: por que essa disciplina e não outra? Isso tem de ser respondido com base em uma pergunta central, e creio que essa pergunta central tem a ver com nossa relação com nós mesmos.

Eu posso dizer uma coisa mais. Não sei se é um problema no Brasil, mas foi um grande problema no México e especialmente em alguns outros países hispânicos de América: a idéia de fazer uma filosofia latino-americana. Creio que isso é um erro. Um filósofo deve estar consciente dos problemas da sua época. E “da sua época” sempre tem de significar também de seu país. Mas a idéia de fazer uma filosofia latino-americana me parece errada porque se diz: por que devemos importar a filosofia da Europa ou da América do Norte? Mas na Europa não se faz uma filosofia francesa nem se faz uma filosofia alemã – isso seria terrível. Seria seguir o nazismo, por exemplo, com uma reflexão sobre a Alemanha no sentido do “ser alemão”. Isso não é interessante. Creio que todos somos homens e temos problemas diferentes nos diferentes países. Mas a reflexão sobre nós mesmos não consiste em refletir sobre nós como alemães ou como americanos. Então, tampouco sobre nós como brasileiros, creio eu.

ERNST TUGENDHAT'S VIEW ON THE TEACHING AND THE PRACTICE OF PHILOSOPHY
AT UNIVERSITY

Abstract: This paper is composed of two sections: 1) a general introduction about Ernst Tugendhat, his career and his works, as well as about his involvement with the subject of philosophy teaching in Brazil; and 2) a long statement by the German philosopher on

teaching philosophy – for him, an “art” – in the university, including his varied experience and his opinions on the subject. According to him – and to the introducer likewise –, instead of limiting oneself to teaching history of philosophy and reading the great philosophers, a philosophy teacher should – from the start – engage students in the practical work of arguing about topics and problems, and in writing short papers along the same line.

Keywords: Tugendhat, teaching, philosophy, art, exercise.

Notas

1. No que se segue, combino informações que obtive em conversas com o próprio Tugendhat, com dados da apresentação de uma entrevista sua ao jornal espanhol *El País* (de 29 de abril de 2001) e de uma biografia sucinta publicada em *Être juif em Allemagne* (Paris: Éditions de Cerf, 1993). Esse segundo texto pode ser encontrado, em francês, no endereço <http://pages.infinet.net/malicorn/tugend.html>.
2. Edição brasileira organizada pelo Prof. Adriano de Brito (Goiânia: Ed. UFG, 2002), com tradução de Suzana Albornoz e Carmen Serralta.
3. Em *Problemata*, revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal da Paraíba, v. 1. n. 1, p. 131-144, 1998.
4. Em 2000, escrevi um opúsculo intitulado *A filosofia como coisa civil. Ou: O que pode ser a filosofia entre nós*. Com relação ao conteúdo, Tugendhat disse que “temos opiniões semelhantes”. O trabalho foi publicado em 2001, na série Cadernos de Argumento, do Núcleo de Estudos de Filosofia Ubirajara Rebouças, da UFBA.
5. Tugendhat esteve dessa vez na Bahia para um minicurso, no Mestrado em Filosofia da UFBA. Seu depoimento sobre ensino da filosofia foi uma promoção do Departamento e do Colegiado de Filosofia da UFBA, sob nossa coordenação.
6. Devemos a gravação à previdência do Prof. Waldomiro José da Silva Filho, do nosso Departamento de Filosofia.

Referências

SOUZA, José Crisóstomo de. *A filosofia como coisa civil ou: o que pode ser a filosofia entre nós*. Salvador: Núcleo de Estudos de Filosofia Ubirajara Rebouças, UFBA, 2001. (Série Cadernos de Argumento).

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem*. Ijuí: Editora Unijuí, 1992.

_____. *Não somos de arame rígido*. Canoas: Editora Ulbra, 2002. (Org. Valério Rohden).

_____. *O livro de Manuel e Camila: diálogos sobre a moral*. Goiânia: Ed. UFG, 2002. (Org. Adriano Naves de Brito).

_____. Reflexões sobre o método da filosofia do ponto de vista analítico. *Problemata*, João Pessoa, v. 1. n. 1, p. 131-144, 1998.

TUGENDHAT, Ernst; BRITO, Adriano Naves de. Sobre diferentes concepções acerca do ensino da filosofia. In: ENCONTRO NACIONAL DE FILOSOFIA DA ANPOF, 8., Caxambu, 1998. *Resumos...*, Caxambu, 1998. p. 251.